

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

MARIA NEIVA FERREIRA DOS SANTOS

OS XAROPES DE SETE RAÍZES MEDICINAIS DA
CAATINGA: território, territorialidade e identidade na comunidade
quilombola Fazenda do Meio no município de Fartura (PI)

Águas Lindas de Goiás (GO)

2023

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO
NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: Maria Neiva Ferreira dos Santos

Matrícula: 20201140050264

Título do Trabalho: Os xaropes de sete raízes medicinais da Caatinga: território, territorialidade e identidade na comunidade quilombola Fazenda do Meio no município de Fartura (PI)

Autorização - Marque uma das opções

1. ☒ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. ☐ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
3. ☐ Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- ☐ O documento está sujeito a registro de patente.
☐ O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
☐ Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Águas Lindas de Goiás, 18/12/2023.
Data


Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

MARIA NEIVA FERREIRA DOS SANTOS

**OS XAROPES DE SETE RAÍZES MEDICINAIS DA
CAATINGA: território, territorialidade e identidade na
comunidade quilombola Fazenda do Meio no município de Fartura
(PI)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Águas Lindas de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada.

Orientador: Prof. Dr. Rafael de Melo Monteiro

Águas Lindas de Goiás (GO)

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

S237x	Santos, Maria Neiva Ferreira dos. Os xaropes de sete raízes medicinais da Caatinga [manuscrito]: território, territorialidade e identidade na comunidade quilombola Fazenda do Meio no município de Fartura (PI). / Maria Neiva Ferreira dos Santos. – 2023 42 f. : il. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Câmpus Águas Lindas de Goiás. Orientador: Prof. Dr. Rafael de Melo Monteiro. 1. Biologia geral. 2. Territorialidade. 3. Caatinga. I. Monteiro, Rafael de Melo (orientador). II. Título. CDD: 570.7
-------	--

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Myriam Martins Lima – CRB-1: 3582, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Câmpus Águas Lindas de Goiás.



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS ÁGUAS LINDAS

TERMO DE APROVAÇÃO

MARIA NEIVA FERREIRA DOS SANTOS

OS XAROPES DE SETE RAÍZES MEDICINAIS DA CAATINGA: território, territorialidade e identidade na comunidade quilombola
Fazenda do Meio no município de Fartura (PI)

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Águas Lindas de Goiás como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Biológicas, sob a orientação do Prof. Dr. Rafael de Melo Monteiro

Aprovado em 22 de novembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA:

(assinado eletronicamente)

Prof. Dr. Rafael de Melo Monteiro

Orientador

(assinado eletronicamente)

Profa. Ma. Maria Gabriela Teixeira de Freitas Pereira

Docente do Departamento

(assinado eletronicamente)

Prof. Dr. Paulo Alves da Silva

Docente do Departamento

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela vida, por ter me dado saúde e força para chegar ao final do curso.

Aos meus pais, Maria do Carmo e Gilberto Lacerda, pelo cuidado, pois mesmo de longe mantiveram-se presentes; aos meus irmãos e todos da minha comunidade Fazenda do Meio, especialmente aqueles que contribuíram com este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Aos meus filhos, Vitório e Mariana, e ao meu companheiro, Orlando, que sempre estiveram comigo, me consolando e dando forças nos momentos de fraqueza. Vocês são meu suporte, tiveram paciência durante todo tempo, me ajudaram muito durante esse processo, sem vocês eu não teria chegado até aqui.

Ao Câmpus Águas Lindas, onde fiz o Curso Técnico em Enfermagem Integrado ao Ensino Médio, na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), e a Licenciatura em Ciências Biológicas, por proporcionar um ambiente criativo e amigável. Sou muito grata pela oportunidade, tenho certeza que meu futuro será outro por causa da instituição.

Aos meus professores, tanto os da EJA quanto os de Ciências Biológicas. Se aqui estou é porque tive um corpo docente que me ajudou e me transformou. Hoje sou muito do que aprendi durante oito anos no Câmpus. Eternos agradecimentos.

Aos meus colegas da graduação, especialmente a Maria Passos. Fizemos juntas a EJA e a graduação e, nesse processo, nasceu uma amizade que levarei para a vida. Ao meu amigo Igor Called, que foi o meu suporte nos estudos, e aos demais colegas que fizeram parte direta ou indiretamente da minha formação. Todos que passaram esses quatro anos comigo contribuíram muito para meu crescimento. Destaco, ainda, a importância de olharmos e abraçarmos aqueles que estão em sofrimento mental. Se hoje estou apresentando este trabalho é porque tive amigos que me estenderam a mão e me abraçaram. Maria Passos, Igor e Paulo, vocês não têm noção do quanto foram importantes para mim. Espero um dia retribuir fazendo bem para alguém, assim como fizeram comigo. Me ajudaram a passar pelas trevas e trouxeram luz para minha vida.

A palavra “obrigada” parece ser pouco diante do tamanho da minha gratidão, mas não sei se existe outra melhor do que essa para expressar o que sinto. Deus abençoe vocês e todos que me ajudaram!

E com muita admiração e carinho gostaria de expressar meu agradecimento ao Prof. Dr. Rafael Monteiro, por ter aceito ser meu orientador. Agradeço pela sua paciência e compreensão comigo.

A terra, o trigo, o pão, a mesa, a família (a terra); existe neste ciclo, dizia o pai nos seus sermões, amor, trabalho, tempo.

Raduan Nassar

OS XAROPES DE SETE RAÍZES MEDICINAIS DA CAATINGA: território, territorialidade e identidade na comunidade quilombola Fazenda do Meio no município de Fartura (PI)

MARIA NEIVA FERREIRA DOS SANTOS

marianeiva.stos@gmail.com

Orientador: Rafael de Melo Monteiro

rafael.monteiro@ifg.edu.br

Resumo

O objetivo deste trabalho foi compreender a fabricação artesanal dos xaropes de sete raízes da Caatinga como um símbolo do território, da territorialidade e da identidade cultural da comunidade quilombola Fazenda do Meio, no município de Fartura (PI). Como procedimentos metodológicos, foram adotadas as seguintes estratégias: a) pesquisa teórica, para discutir os conceitos de território, territorialidade e identidade, além dos textos sobre ervas medicinais da Caatinga e a (re)produção cultural de povos e comunidades tradicionais; b) pesquisa de campo, com utilização das técnicas das entrevistas, diário de campo e fotografias. Em dezembro de 2022, foram feitas quatro entrevistas, com os moradores mais antigos da Fazenda do Meio. A fabricação dos xaropes, a partir de plantas medicinais da Caatinga (pipoco-de-ovelha, imburana de abelha, unha de gato, babosa, aroeira, quebra facão fedegoso), é parte da territorialidade dos quilombolas, pois é comum a produção da bebida, desde tempos antigos. Com isso, reforça-se um elemento da identidade da comunidade, ao mesmo tempo em que o território quilombola é (re)produzido e afirmado como um trunfo para este grupo étnico.

Palavras-chave: Território; Territorialidade; Identidade; Xaropes de sete raízes; Fazenda do Meio; Piauí.

Abstract

The objective of this work was to understand the artisanal manufacture of seven-root syrups from the Caatinga as a symbol of the territory, territoriality and cultural identity of the quilombola community Fazenda do Meio, in the municipality of Fartura (PI). As methodological procedures, the following strategies were adopted: a) theoretical research, to discuss the concepts of territory, territoriality and identity, in addition to texts on medicinal herbs from the Caatinga and the cultural (re)production of traditional peoples and communities; b) field research, using interview techniques, field diary and photographs. In December 2022, four interviews were carried out with the oldest residents of Fazenda do Meio. The manufacture of syrups, from medicinal plants from the Caatinga (sheep popcorn, bee imburana, cat's claw, aloe vera, aroeira, quebra machete and fedegoso), is part of the quilombola territoriality, as the production of syrup is common. drink since ancient times. With this, an element of the community's identity is reinforced, at the same time that the quilombola territory is (re)produced and affirmed as an asset for this ethnic group.

Key words: Territory; Territoriality; Identity; Seven root syrups; Fazenda do Meio; Piauí.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1 - Localização da Comunidade Quilombola Lagoas, no Piauí (PI)	19
Quadro 1 - Sujeitos da pesquisa	23
Figura 1 - Pipoco-de-ovelha	28
Figura 2 - Imburana de abelha.....	29
Figura 3 - Unha de gato	30
Fotografia 1 - Babosa	31
Figura 4 - Aroeira	32
Figura 5 - Quebra facão	33
Figura 6 - Fedegoso	34
Fotografia 2 - Plantas medicinais utilizadas na fabricação dos xaropes	35
Fotografia 3 - Xarope pronto para uso	36

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	11
2. INTRODUÇÃO	14
3. TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADE E IDENTIDADE.....	16
4. CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	21
4.1 A ida à comunidade: o contexto de realização da pesquisa.....	21
4.2 Estratégias de pesquisa	22
4.3 Sujeitos da pesquisa	.23
4.4 Dados das entrevistas com os participantes	24
5. AS PLANTAS MEDICINAIS E OS XAROPES DE SETE RAÍZES DA CAATINGA..	26
5.1 A fabricação dos xaropes	28
5.1.1 Pipoco-de-Ovelha	28
5.1.2 Imburana de abelha	28
5.1.3 Unha de gato	29
5.1.4 Babosa	30
5.1.5 Aroeira	31
5.1.6 Quebra-facão	32
5.1.7 Fedegoso	33
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	38
APÊNDICE 1 – Roteiro de entrevista	40

1. APRESENTAÇÃO:

Meu(s) território(s), minha(s) territorialidade(s) e minha(s) identidade(s)

Tenho 34 anos e já desempenhei diversos papéis importantes em minha vida. Sou filha, mãe, avó e esposa. Sempre me dediquei plenamente ao cuidado da minha família. Para meus pais e irmãos, sou como um suporte, enquanto para meus filhos, represento a base deles e uma figura essencial em suas vidas. Desde o ano de 1989, quando nasci, vivi com meus pais e irmãos em nossa casa na comunidade da Fazenda do Meio. Embora fôssemos uma família pequena em comparação com outras da comunidade, guardo lembranças muito felizes da minha infância, apesar das dificuldades financeiras que enfrentamos. Nosso sustento vinha da agricultura, mas também recorro momentos difíceis de fome e a falta de itens essenciais como comida, remédios e água potável.

A plantação era nossa garantia de alimento e, diante das necessidades, éramos gratos pela nossa subsistência. Meu pai sempre trabalhou na roça, e nós, como família, contribuimos para o sustento da casa. Mesmo quando eu não podia trabalhar na lavoura, ajudava em casa, onde as tarefas eram árduas, incluindo carregar água em baldes na cabeça, cortar lenha, lavar roupas na barragem sob o sol escaldante e ainda auxiliar na roça. Afinal, ser mulher nunca foi fácil.

As épocas de seca eram particularmente difíceis para os moradores, e meu pai precisava vender parte de nossos alimentos armazenados durante o inverno para comprar suprimentos adicionais. Apesar das adversidades, fui bem cuidada por meus pais e irmãos, especialmente por ser a caçula e ter enfrentado problemas de saúde graves na comunidade. Nela, todas as doenças eram tratadas com remédios naturais, como chás e xaropes, antes de procurar um médico. Tive infecções intestinais gravíssimas, e minha mãe conta que, em uma dessas situações, o médico afirmou que se ela tivesse demorado mais dez minutos, eu não teria sobrevivido. Enfrentamos muitas carências, sendo a fome a mais severa delas. No entanto, prefiro lembrar das coisas que me faziam bem, como ir para a roça com meus pais e irmãos, a alegria que a chuva trazia e os momentos de diversão sob ela. Éramos crianças alegres, apesar das atribulações.

O tempo passou e, se eu pude ter infância, não tive a chance de vivenciar a adolescência. Aos 14 anos, casei e me tornei dona de casa. Logo engravidei do meu primeiro filho e fui morar na casa dos pais do meu marido. Contudo, não éramos bem-vindos lá e, em busca de oportunidades de trabalho, meu marido decidiu mudar para Brasília, onde algumas

de suas irmãs viviam. Após trabalhar por alguns meses na cidade, ele mandou dinheiro para que eu me juntasse a ele, mesmo grávida. Fui confrontada com grandes responsabilidades e falta de maturidade para conduzir uma família. Minha principal preocupação era cuidar do meu filho e manter meu casamento intacto. Cresci com a ideia de que a mulher deveria cuidar da casa, dos filhos e do marido, e dediquei anos da minha vida a essa missão, custasse o que custasse.

Com apenas 14 anos e grávida, interrompi meus estudos, tendo concluído apenas a quinta série do ensino fundamental. Depois do nascimento do meu filho, esperei dois anos antes de decidir retornar à escola. Matriculei-me em uma escola em Ceilândia (DF), na antiga Escola Classe 12, e retomei minha escolarização. Deixava meu filho aos cuidados do pai e concluí do sexto ao oitavo ano por meio do supletivo no ensino fundamental II. Porém, minha jornada educacional foi interrompida novamente quando engravidei pela segunda vez, o que não estava nos meus planos. Inicialmente, rejeitei minha filha até o sétimo mês de gestação, pois estava despreparada para lidar com a situação, especialmente longe da minha família. Mas decidi seguir em frente, e hoje tenho uma linda filha que me enche de orgulho.

Por seis anos, vivemos em Ceilândia, em pequenos barracos com, no máximo, dois cômodos. Apenas meu marido trabalhava e nossa situação era de extrema pobreza. Tudo o que tínhamos em casa era resultado de doações e o dinheiro que tínhamos era destinado ao aluguel, água, luz, comida e fraldas. Após o nascimento do nosso segundo filho, comecei a trabalhar como faxineira em casas de famílias para ajudar financeiramente. Tive que me virar para garantir o sustento da família.

Foi nesse período que procurei uma agência de emprego desesperadamente em busca de trabalho fixo. Fui chamada para trabalhar como empregada doméstica em uma casa, onde permaneci por oito anos. Meu sonho de ter uma casa própria e sair do aluguel era grande, com quartos separados para mim e meus filhos. Quando morava com meus pais, tínhamos apenas um quarto para todos e nossos guarda-roupas eram caixas de papelão. Em busca desse sonho, em 2011, meu marido e eu decidimos nos mudar para Águas Lindas (GO). Esta mudança marcou o início de uma fase mais desafiadora em minha vida adulta.

Para trabalhar, eu precisava de alguém para cuidar dos meus filhos, e o salário não seria suficiente para pagar por dois cuidadores. Com muita dificuldade, optei por deixar meu filho em casa e contratar uma cuidadora para minha filha. Em seguida, pedi a uma prima para vir do Piauí e me ajudar a cuidar dos meus filhos.

Certo dia, enquanto estava dentro de um ônibus e passava em frente ao Instituto Federal de Águas Lindas, vi um banner gigante anunciando cursos de Educação de Jovens e

Adultos (EJA) e cursos técnicos integrados para aqueles que não tinham concluído o ensino médio. Imediatamente, percebi que essa era minha chance de concluir o ensino médio e obter um curso técnico gratuitamente. Fiz a inscrição e fui aceita, o que me encheu de alegria. Saía do trabalho diretamente para a escola e muitas vezes chegava em casa tarde da noite, com meus filhos já dormindo. Nesse período, enfrentei enormes desafios financeiros e problemas de saúde mental, incluindo depressão, surtos e ataques de pânico. Minha mente e corpo estavam debilitados e eu estava afogada em tristeza a ponto de considerar tirar minha própria vida.

Entretanto, a escola se tornou um refúgio para mim durante esse período sombrio. Voltar para casa era algo que eu não conseguia suportar, mas a presença dos meus filhos era a única razão pela qual continuava a lutar. Quando retomei os estudos, isso se tornou a melhor coisa que já fiz na minha vida. A escola era uma distração para minha mente e eu me distanciava da realidade que estava vivendo. Eu estava tão machucada e fechada para o mundo que não permitia aproximações ou ajuda de ninguém. Muitas vezes, feri aqueles que tentaram se aproximar de mim, sendo agressiva e rude. Mas, com o tempo, comecei a mudar e a adquirir mais respeito e tolerância pelos outros.

Concluí o curso Técnico de Enfermagem com uma nova perspectiva de vida e de mim mesma, sentindo orgulho de ter concluído meus estudos e adquirido uma profissão. Comecei a trabalhar como técnica de enfermagem, atuando em assistência domiciliar. Quando soube que o Instituto Federal de Goiás, em Águas Lindas, ofereceria uma graduação em licenciatura em Ciências Biológicas, despertei meu interesse em continuar estudando e realizar meu sonho de ser professora. Inscrevi-me para a primeira turma, mas não fui selecionada. No entanto, não desisti, me inscrevi para a segunda turma e consegui ser aprovada. Atualmente, estou muito feliz. Ao longo dessa jornada, transitei por vários territórios (da comunidade Fazenda do Meio para Ceilândia e desta para Águas Lindas), vivenciei múltiplas territorialidades (desde as práticas cotidianas em uma comunidade quilombola à dinâmica da vida metropolitana em Brasília/Águas Lindas), complexifiquei minhas identidades, adquiri um valioso conhecimento que ninguém poderá me tirar. Aprendi a ser mais humana, a dominar minhas emoções com sabedoria e inteligência, e me transformei em um exemplo de superação e mudança. Espero que meus filhos vejam em mim um modelo de perseverança e aprendizado contínuo. Acredito firmemente que a educação é transformadora e salvadora.

2. INTRODUÇÃO

A constituição dos quilombos no Brasil têm a ver com a escravidão africana em nosso país, colonizado por portugueses, no século XVI. A revolta, fuga e resistência dos negros escravizados frente à violência do trabalho forçado resultou na organização de territórios quilombolas, muitos dos quais existentes na atualidade. Estes territórios são (re)produzidos no cotidiano, a partir das territorialidades, que reforçam a identidade de seus moradores.

O Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do ano de 2022, conforme o *site* G1 (2023), pela primeira vez abrangeu questões sobre a população quilombola. No Brasil, há 1,3 milhão de pessoas que se autodeclaram quilombolas, o que representa 0,65% da população total do país. Quase 70% dos quilombolas estão no Nordeste, sobretudo na Bahia e no Maranhão que, juntos, acumulam 50% desta população. Das 5.570 cidades brasileiras, 1.696 têm moradores quilombolas. Todavia, 87,41% desta população vive fora dos territórios oficialmente delimitados, que são, ao todo, 494 áreas, ao passo que a Fundação Cultural Palmares aponta que seriam mais de três mil. Em Fartura do Piauí, são 1.952 quilombolas, de uma população de 5.284 habitantes, ou seja, 36,9% de população quilombola. É neste município que se encontra a comunidade Fazenda do Meio, de 34 famílias, que é parte da comunidade quilombola Lagoas, a quarta maior do país.

É importante destacar minha motivação para este estudo. Até o início da pandemia de Covid-19, em 2020, eu não tinha conhecimento de que fazia parte de uma comunidade quilombola. No entanto, quando meu povoado de origem, a Fazenda do Meio, juntamente com outros próximos, foi selecionado para receber as primeiras doses da vacina contra a Covid-19 devido ao reconhecimento de sua condição quilombola, a consciência sobre minhas origens foi despertada. Cresci na Fazenda do Meio, onde vivi uma infância rica em carinho e cuidados familiares. Nessa comunidade, a proteção familiar é valorizada, e todos têm responsabilidades nesse sentido. Os mais jovens contam com a proteção e o amparo de tios, irmãos mais velhos, padrinhos e madrinhas. Buscando uma compreensão mais profunda de minhas raízes e dos aspectos culturais que permeiam a vida da comunidade, como a fabricação dos xaropes de sete raízes, escolhi esse tema como foco da minha pesquisa.

Dessa maneira, o objetivo geral deste trabalho foi compreender a fabricação artesanal dos xaropes de sete raízes da Caatinga como um símbolo do território, da territorialidade e da identidade cultural da comunidade quilombola Fazenda do Meio, localizada no município de Fartura, no Piauí. Os específicos, por sua vez, foram: a) discutir os conceitos de território, territorialidade e identidade; b) explanar a metodologia utilizada na pesquisa; c) explorar os aspectos culturais envolvidos na fabricação dos xaropes de sete raízes da Caatinga. Os dados foram coletados através de pesquisa de campo feita no mês de dezembro de 2022, a partir de um roteiro de entrevista direcionado aos moradores mais antigos. Além das entrevistas, o diário de campo e os registros fotográficos foram estratégias metodológicas utilizadas.

3. TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADE E IDENTIDADE

O Brasil é um país de dimensões continentais, cujo território possui uma pluralidade de grupos sociais, étnicos e de comunidades/populações tradicionais. De acordo com a definição de Filho et al. (2022), os povos ou comunidades tradicionais são grupos culturalmente distintos, que possuem condições sociais, culturais e econômicas singulares em relação à sociedade envolvente, e mantêm relações peculiares com os lugares onde vivem, por meio do uso e cuidado dos recursos naturais presentes em seus territórios.

Antes mesmo da chegada dos colonizadores portugueses em 1500, a região que viria a ser denominada de Brasil já abrigava diversos povos originários, cada um com suas línguas, tradições e costumes. Com a introdução da escravidão africana pelos portugueses, milhões de africanos foram trazidos para cá, oriundos de diferentes regiões da África, para realizar trabalhos forçados nas plantações de cana-de-açúcar e, posteriormente, nas minas de ouro e pedras preciosas. Conforme ressalta Anjos (2013, p. 140):

Não eram somente as riquezas da África que interessavam à Europa Moderna, os seres humanos também eram necessários aos colonizadores para o cultivo e a exploração das minas. Instaura-se assim um novo período de escravidão humana, associada à acumulação de capitais, estruturado num sistema político, jurídico e econômico que vai permitir o desenvolvimento de uma gigantesca empresa comercial, possibilitando a expansão do capitalismo. O tráfico demográfico forçado do continente africano para a América foi, durante quase quatro séculos, uma das maiores e mais rentáveis atividades dos negociantes europeus, a ponto de se tornar impossível precisar o número de africanos retirados de seu *habitat*, com sua bagagem cultural, a fim de serem injustamente incorporados às tarefas básicas para formação de uma nova realidade. Entre 12 e 13 milhões de seres humanos africanos transportados é uma referência, apesar de as pesquisas divergirem, ainda atualmente, sobre os registros quantitativos nessa diáspora¹ africana. Entretanto, é consenso na comunidade científica que a dinâmica do tráfico trouxe problemas de despovoamento em numerosas áreas do continente [africano].

A resistência dos africanos ao sistema escravista resultou na criação de quilombos e comunidades quilombolas, onde mantiveram (e mantêm) a identidade étnica, cultural e o território de vida e trabalho.

Os quilombos, como destaca Anjos (2013), eram sítios geográficos estratégicos onde se agrupavam povos africanos, mas, também, indígenas e europeus excluídos da sociedade, contrários ao sistema escravista da época. Formavam, assim, comunidades livres, autossustentáveis e com forte organização territorial. Ainda de acordo com o autor, muitas

¹ Dispersão de um povo em consequência de preconceito ou perseguição política, religiosa ou étnica.

comunidades quilombolas, na contemporaneidade, reproduzem tradições e tecnologias trazidas da África por seus antepassados, como a agricultura, a medicina, a religião, a mineração, as técnicas de arquitetura e construção, o artesanato e utensílios de cerâmica e palha, os dialetos, a relação sagrada com o território, a culinária e a relação comunitária de uso da terra (ANJOS, 2013).

Não é possível abordar as comunidades e povos tradicionais sem explorar os conceitos de território, territorialidade e identidade. O território não é apenas um espaço físico, mas também um ambiente de vida, cultura e relações entre pessoas e com a natureza. Como destacado por Raffestin (2011 [1980]), o território torna-se um trunfo, um recurso valioso para os grupos sociais que o habitam, desempenhando papéis concretos e simbólicos em diversas dimensões, como a econômica, política, cultural e natural, em diferentes escalas geográficas, desde o local até o internacional. Para Santos (2003), o território não se resume à mera superposição de sistemas naturais e sistemas criados pelo homem. Ele representa uma identidade, a fusão entre o solo e a população, refletindo o pertencimento e influenciando a vida cotidiana, o trabalho, as trocas materiais e espirituais, bem como a identidade das pessoas que o habitam.

Para Filho et al. (2022), os territórios também carregam as memórias dos grupos, preservando acontecimentos e fatos históricos. Neles, encontram-se os locais onde os ancestrais estão enterrados e os sítios sagrados que mantêm a conexão espiritual do grupo. O território é fundamental para a preservação do modo de vida e a formação da visão de mundo de um grupo. Além disso, ele abriga os conhecimentos locais, uma vez que cada comunidade conhece profundamente sua área de convívio. O território está intrinsecamente ligado à identidade, que se refere à percepção que a comunidade possui de si mesma, como um grupo culturalmente diferenciado com concepções e modos de vida únicos.

Ao adjetivar o território como étnico, Anjos (2013) pontua que este seria o espaço construído e materializado a partir das referências de identidade e pertencimento territorial e, geralmente, a sua população tem um traço de origem comum, como é o caso da Fazenda do Meio, objeto de análise deste trabalho. Nesse sentido, “as demandas históricas e os conflitos com o sistema dominante têm imprimido a esse tipo de estrutura espacial exigências de organização e a instituição de uma autoafirmação política-social-econômica-territorial” (ANJOS, 2013, p. 139).

As territorialidades, para Raffestin (2011 [1980]), expressam um conjunto de relações que os indivíduos, grupos e/ou classes sociais estabelecem com o território, ao longo do tempo, sobretudo o cotidiano, e em diferentes dimensões. O fazer de todo dia é que

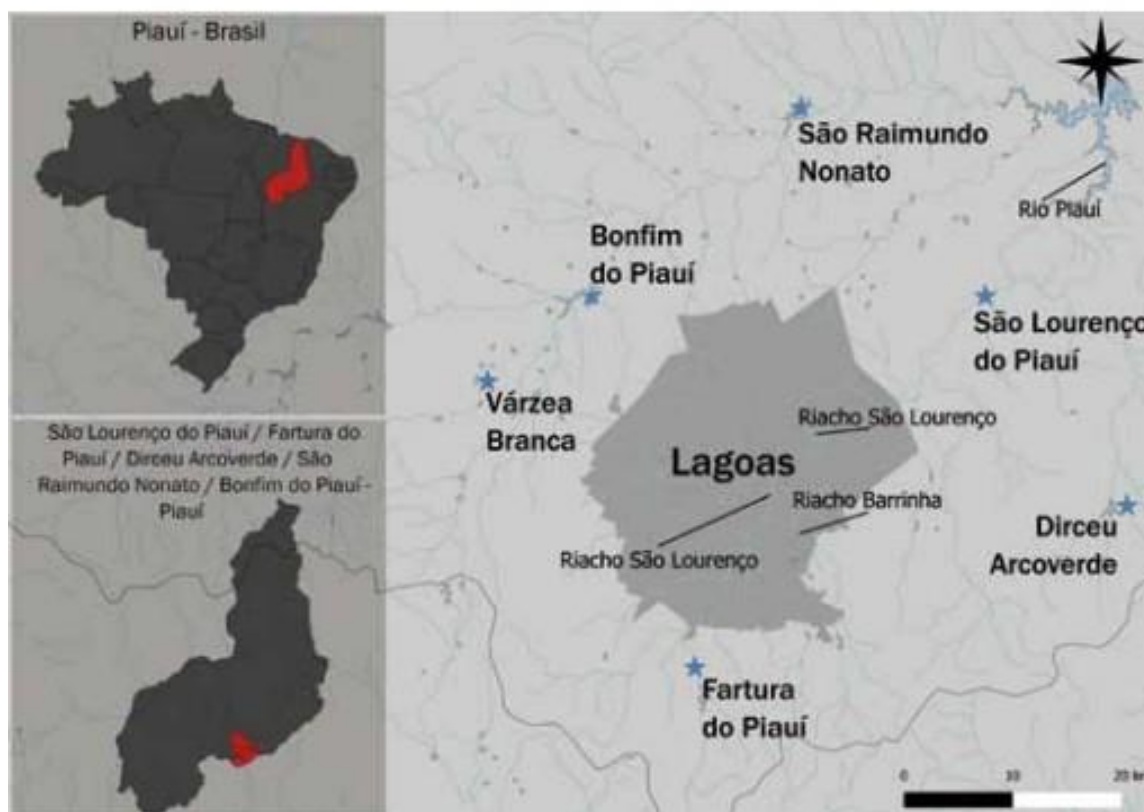
(re)produz o território. Elas incorporam uma dimensão mais estritamente política, embora digam respeito, também, às relações econômicas e culturais, visto estarem intimamente ligadas ao modo como as pessoas utilizam a terra, se organizam no espaço e dão significado ao lugar (HAESBAERT, 2014, p. 59).

No momento em que os moradores da Fazenda do Meio produzem os xaropes de ervas medicinais da Caatinga, efetivam suas territorialidades e, simultaneamente, o território e suas identidades. Nesse contexto, o presente estudo escolheu examinar o fenômeno da fabricação artesanal do xarope de sete raízes da Caatinga como uma forma de compreender as relações entre território, territorialidade e identidade na comunidade Fazenda do Meio, localizada no município de Fartura do Piauí (PI) e parte da Comunidade Quilombola Lagoas, também situada no Piauí, como mostra o Mapa 1.

Os povos quilombolas demonstram uma notável solidariedade entre si, onde a ajuda mútua é considerada uma riqueza inestimável. No entanto, muitos desses povos enfrentam desafios financeiros que afetam a qualidade de vida. Durante períodos de seca, essas comunidades são particularmente afetadas, e muitas famílias enfrentam a escassez de água, chegando ao ponto de não terem água nem mesmo para beber. Em resposta a essa situação, muitos quilombolas se unem para comprar água. Em algumas comunidades, existem poços artesianos, mas a água é frequentemente salobra, inadequada para consumo humano e preparo de alimentos.

O processo de povoamento do território quilombola resultou na formação de laços de parentesco entre os descendentes de africanos e indígenas. Esses povoados deram origem à maioria das comunidades quilombolas, como é o caso do território quilombola Lagoas, situado na região semiárida do Brasil e no bioma Caatinga. Esta região é caracterizada pela escassez de chuvas e altas temperaturas. As fontes naturais de água servem como armazenamento durante o período chuvoso, mas a água potável consumida pelas famílias é principalmente proveniente de cisternas instaladas por programas governamentais e projetos de organizações não governamentais, embora nem todas as comunidades quilombolas sejam atendidas por essas iniciativas.

Mapa 1 – Localização da Comunidade Quilombola Lagoas, no Piauí (PI)



Fonte: Faria (2016)

As festas e cultos religiosos desempenham um papel fundamental na promoção da sociabilidade entre os quilombolas, congregando adeptos de religiões de matriz africana e católica. Como pontua Faria (2016), muitos santos são venerados, incluindo São Cosme e Damião, Nossa Senhora Aparecida, Sagrado Coração de Maria, Imaculado Coração de Maria, bem como as festividades juninas em honra a Santo Antônio, São João e São Pedro. Além disso, destacam-se as rodas de Gonçalo e a festa de Reis, novenas e rezas realizadas em toda a extensão do território. Nessas comunidades, também existem benzedeiras, conhecidas como rezadeiras e rezadores, procurados para a cura de diversas doenças.

A Comunidade Quilombola Lagoas é uma das maiores do Brasil, sendo o quarto território em extensão e em número de famílias. É formada por mais de 100 pequenas comunidades, distribuídas em 62.365,8 hectares, em seis municípios piauienses, a saber: Fartura do Piauí, São Raimundo Nonato, Várzea Branca, São Lourenço do Piauí, Dirceu Arcoverde e Bonfim do Piauí. É composta por membros de uma mesma linhagem familiar, ligados por laços de parentesco que abrangem tias, tios, primos, primas, sobrinhos, sobrinhas, avós e irmãos (FARIA, 2016).

O conhecimento tradicional sobre plantas medicinais, técnicas de cultivo de terras e criação de animais é valorizado e transmitido de geração em geração. A principal fonte de subsistência em Lagoas é a agricultura familiar, com pouco ou nenhum excedente comercializado. A criação de pequenos animais, como caprinos e ovinos, é voltada principalmente para o consumo doméstico (FARIA, 2016).

A comunidade Fazenda do Meio, em particular, permaneceu por muito tempo à margem do desenvolvimento, com sua visibilidade restrita a épocas eleitorais, quando políticos buscavam votos. Os habitantes da comunidade têm níveis educacionais limitados, mas carregam valores e tradições profundamente arraigados. A palavra dada é uma questão de honra e a confiança e a honestidade têm mais valor do que qualquer documento assinado. Num mundo onde muitos valores parecem ter perdido seu significado, essas comunidades guardam riquezas inestimáveis que não podem ser compradas.

Nesse cenário, a interação entre território, territorialidade e identidade é fundamental para compreender a forma como essas comunidades preservam sua cultura, história e tradições, enquanto enfrentam os desafios da modernidade. A identidade desses grupos está intrinsecamente ligada ao território que habitam, onde suas histórias estão entrelaçadas com a terra e onde encontram força para manter suas territorialidades. O estudo do xarope de sete raízes da Caatinga proporciona, como destacado anteriormente, uma janela para entender as complexas relações entre território, territorialidade e identidade nas comunidades quilombolas do Brasil, em especial na Fazenda do Meio.

Para a realização da pesquisa, foi necessário o cumprimento de procedimentos metodológicos, que serão descritos na próxima seção.

4. CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA

4.1 A ida à comunidade: o contexto de realização da pesquisa

Minha viagem à Fazenda do Meio começou no dia 17 de dezembro de 2022 e levou cerca de 26 horas. Já haviam se passado pouco mais de cinco meses desde minha última visita aos meus pais. Sempre que tenho condições financeiras, faço questão de ir vê-los. Minha mãe, por motivos de saúde, vem em Águas Lindas duas vezes ao ano, enquanto meu pai não tem essa possibilidade, sendo a única forma de vê-lo indo até lá. Desta vez, passei 43 dias na casa deles, e a saúde de meu pai foi o motivo principal para minha longa estadia. Viajei com minha filha, enquanto meu filho ficou com o pai, pois estavam trabalhando. Eu sabia que, desta vez, ficaria mais tempo devido à saúde de meu pai.

A comunidade Fazenda do Meio é onde reside minha família, meus parentes de sangue. Sempre que vou lá, fico impressionada com o calor humano. No primeiro dia, recebo muitas visitas, de tios, primos, primas e crianças. A chegada de um parente é motivo para que toda a família se reúna no final do dia, como eles costumam dizer, "na boca da noite". Gosto muito de lá, apesar das altas temperaturas, que podem ser insuportáveis até mesmo durante a época de chuva. Somos uma comunidade muito unida, onde todos procuram viver em harmonia.

Para realizar meu trabalho de pesquisa, tive a oportunidade de visitar a casa de alguns moradores e discutir minha pesquisa com eles. Fui muito bem recebida e conduzi a entrevista, mas também aproveitei para conversar sobre suas vidas. Eles compartilharam informações que eu nunca havia ouvido antes, e foi uma experiência enriquecedora. Por um momento, esqueci que estava ali para fazer uma pesquisa e me dediquei a ouvi-los.

Embora eu pudesse ter entrevistado mais pessoas, devido à saúde de meu pai, adiei essa parte do trabalho para a última semana antes de retornar a Águas Lindas. No entanto, percebi que foi um erro, pois deixei para a última hora e não consegui entrevistar todas as pessoas que gostaria. Meu povo é formado por pessoas boas e prestativas, e tenho certeza de que poderia ter entrevistado quantas pessoas quisesse se tivesse planejado melhor. Os quatro primeiros entrevistados concordaram prontamente, mas minha pressa na última semana dificultou minha coleta de dados antes da defesa do projeto.

4.2 Estratégias de pesquisa

Como procedimentos metodológicos, foram adotados as seguintes estratégias: a) pesquisa teórica, que possibilitou a discussão dos conceitos de território, territorialidade e identidade, além da procura de textos que tratassem de ervas medicinais da Caatinga e da reprodução cultural de povos e comunidades tradicionais; b) pesquisa de campo, com utilização da técnica das entrevistas, do diário de campo, além de alguns registros fotográficos.

Matos e Pessôa (2009) afirmam que a entrevista permite o contato direto com o informante. Os participantes foram abordados a partir de entrevistas semiestruturadas, que se constituem na interação entre perguntas abertas e fechadas (previamente formuladas), em que o informante tem a possibilidade de discorrer de forma mais espontânea sobre o assunto proposto. Para Mendes e Pessôa (2009) a entrevista prepara o pesquisador e assegura agilidade e fluidez ao processo investigativo. Neste sentido, as questões devem ser claras, concisas e estar centradas no objetivo da pesquisa. Na Fazenda do Meio, ainda que com o uso do roteiro de perguntas, foi decidido ouvir os relatos dos moradores, sem rigidez com o tempo, a fim de entender a história do lugar e das pessoas que ali residem desde tempos imemoriais.

Foi utilizado o diário de campo, que, conforme argumenta Whitaker (2002), amplia o diálogo entre o observador e a realidade observada, uma vez que obriga à melhor percepção possível para poder registrar. Marafon (2009) ressalta que o diário de campo é mais que um simples registro de fatos. Ele reflete a memória do pesquisador para que as informações sejam analisadas em profundidade. E Venâncio e Pessôa (2009) salientam que este é uma forma de registro das impressões dos pesquisadores e das emoções dos sujeitos envolvidos na pesquisa, permitindo a (re)construção de suas histórias de vida e do lugar. Nesta pesquisa, o diário de campo serviu para registros da viagem e das andanças pela comunidade.

Os registros fotográficos também foram importantes para o trabalho. O sociólogo brasileiro José de Souza Martins, em seu livro “Sociologia da fotografia e da imagem”, de 2009, teoriza sobre a fotografia, sob o argumento de que o visual, cada vez mais, se torna um documento e instrumento importante para a leitura científica dos fatos e fenômenos sociais. Ela não deve ser pensada apenas como ilustração ou dado, senão como constitutiva da realidade contemporânea. É preciso refletir sobre o objeto, o objetivo e o uso da fotografia (MARTINS, 2009).

Assim, as fotografias devem ser vistas como um conjunto narrativo de histórias e não como mero fragmento imagético. Propõe-se como memória dos dilaceramentos, das rupturas, dos abismos e distanciamentos, como recordação do impossível, do que não ficou e não retornará. Memória das perdas; memória desejada e indesejada. Memória do que opõe a sociedade moderna à sociedade tradicional. Memória do comunitário que não dura, que não permanece. Memória de uma sociedade de rupturas e não de coesões e permanências. Memória de uma sociedade de perdas sociais contínuas e constitutivas, de uma sociedade que precisa ser recriada todos os dias, de uma sociedade mais de estranhamentos do que de afetos (MARTINS, 2009).

Concluídas essas etapas, foram organizados, sistematizados e analisados os dados e informações coletadas para a redação final do trabalho. É particularmente relevante compreender as características dos sujeitos da pesquisa.

4.3 Sujeitos da pesquisa

Fizemos quatro entrevistas, a fim de coletar as informações apresentadas neste estudo. As principais características dos entrevistados estão no Quadro 1:

Quadro 1 – Sujeitos da pesquisa

Nº	Nome	Idade	Cor	Religião	Estado Civil	Moradia	Escolaridade	Local e Nascimento	Observações
1	Gilberto	62	Negro	Católico	Casado	Casa com esposa e dois netos	Não estudou	Comunidade Fazenda do Meio	Nascido na comunidade Fazenda do Meio
2	Carmelita	72	Negro	Católica	Viúva	Mora com a neta	Não estudou	Comunidade Fazenda do Meio	Nascida e criada na comunidade de Fazenda do Meio
3	João	70	Negro	Católico	Casado	Mora com a esposa	Alfabetizado (até a 2ª série do ensino fundamental)	Comunidade Fazenda do Meio	Nascido na comunidade Fazenda do Meio
4	Maria do Carmo	60	Negro	Católica	Casada	Mora como esposa e dois netos	Não estudou	Comunidade Angical	Veio para Fazenda do Meio após casar com Gilberto

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Mais informações relevantes serão apresentadas no item 4.4.

4.4 Dados das entrevistas com os participantes

A pesquisa de campo forneceu informações importantes sobre as atividades econômicas, culturais e de saúde da comunidade, com foco especial na produção de xaropes feitos a partir de plantas medicinais da Caatinga. A seguir, algumas das principais análises obtidas a partir das respostas dos participantes:

Dependência das condições climáticas: os respondentes indicaram que as atividades econômicas da comunidade dependem fortemente das condições climáticas, especialmente das chuvas. Isso demonstra a vulnerabilidade da comunidade a variações do clima e a importância de um planejamento agrícola sensível a essas mudanças.

Diversidade na agricultura: as atividades econômicas incluem uma variedade de cultivos, como feijão, milho, abóbora, maxixe, melancia, batata, banana e temperos como cheiro verde, pimenta e pimentão. Essa diversidade reflete a capacidade de adaptação da comunidade a diferentes condições climáticas e a sua capacidade de cultivar alimentos diversos.

Produção de xaropes medicinais: os xaropes medicinais são fabricados principalmente para consumo próprio. Isso sugere que a comunidade valoriza suas práticas tradicionais de medicina e acredita na eficácia das plantas medicinais para o tratamento de enfermidades.

Escolha das raízes para xaropes: a escolha das raízes para a produção dos xaropes é baseada na preferência pessoal, o que pode indicar um conhecimento específico das propriedades medicinais das plantas locais. No entanto, não foi mencionada a utilização ritualística ou cerimonial dos xaropes.

Dificuldades na produção de xaropes: os respondentes apontaram a dificuldade de encontrar as raízes das plantas devido à seca e à densidade da mata quando está verde. Essas dificuldades destacam os desafios enfrentados pela comunidade na obtenção dos ingredientes para a produção de xaropes.

Importância da agricultura para a alimentação: a produção agrícola desempenha um papel vital na alimentação da comunidade, especialmente em anos com boas condições climáticas. Os alimentos cultivados, como feijão, milho e banana, não apenas complementam a dieta, mas também são vendidos para garantir sustento econômico.

Questões ambientais e econômicas: A pesquisa não abordou diretamente questões ambientais, políticas ou culturais enfrentadas pela comunidade. No entanto, a

dependência das chuvas e as dificuldades na obtenção de raízes destacam os desafios ambientais e econômicos que podem afetar a comunidade.

Os dados apresentados nesta pesquisa revelam uma comunidade quilombola que mantém práticas tradicionais de medicina baseadas em plantas medicinais e cujas atividades econômicas e alimentares estão intrinsecamente ligadas ao ciclo climático. Essas informações podem ser úteis para entender a resiliência e os desafios enfrentados por comunidades quilombolas rurais e para promover a preservação de seus conhecimentos e práticas tradicionais.

O capítulo seguinte abordará o conceito de plantas medicinais e a fabricação dos xaropes de ervas medicinais da Caatinga.

5. AS PLANTAS MEDICINAIS E OS XAROPES DE SETE RAÍZES DACAATINGA

As plantas medicinais são espécies vegetais utilizadas com propósitos terapêuticos, sejam elas cultivadas ou não. Também podem ser classificadas desse modo as espécies que têm histórico de uso tradicional para a mesma finalidade (BARBOZA DA SILVA et al., 2012). Elas são capazes de prevenir, aliviar ou curar enfermidades (MAGALHÃES; BANDEIRA; MONTEIROS, 2020).

A relação entre as plantas medicinais e as comunidades quilombolas é um exemplo notável da relação íntima entre cultura, tradição e saúde. Para as comunidades quilombolas, as plantas medicinais têm uma importância profunda, desempenhando um papel fundamental na preservação de suas tradições e na promoção de cuidados de saúde acessíveis. As plantas, em muitos casos, representam o principal recurso terapêutico para muitas comunidades e grupos étnicos. Ao comentar a importância das plantas em comunidades quilombolas, Sales, Albuquerque e Cavalcanti (2009, p. 32) salientam que “as pessoas da comunidade conhecem perfeitamente as ervas que utilizam, sabendo inclusive as enfermidades para a qual a planta é utilizada”.

Magalhães, Bandeira e Monteiro (2020) apontam que, no Nordeste, o uso das plantas medicinais incorpora simpatias e orações, em uma mistura de crendice e fé. Os prescritores populares adquirem relevância nesse contexto, pois são consultados pelas pessoas, sobretudo, de baixa renda. Eles orientam o uso e o preparo das plantas para curar várias doenças. Ao mesmo tempo, essas pessoas recorrem às preparações caseiras em virtude de suas privações econômicas, pois enfrentam a deficiência de assistência médica; pela influência da transmissão oral dos hábitos culturais; e pela disponibilidade da flora local. Na Fazenda do Meio, foi possível confirmar este aspecto econômico e de ausência de acesso aos serviços de saúde, já que os entrevistados relataram usar os remédios caseiros pela dificuldade em consultar médicos e ir a hospitais.

É evidente que o conhecimento popular está intrinsecamente ligado às informações acumuladas ao longo do tempo por uma comunidade específica, refletindo suas práticas, valores, cultura, vivência e experiências. Compartilhar esses conhecimentos e reconhecer sua importância contribui para a preservação da diversidade biológica e está relacionado com a defesa da identidade cultural e social.

A Caatinga é um dos biomas mais singulares e menos compreendidos do Brasil, cobrindo uma vasta área no Nordeste do país, estendendo-se por aproximadamente 11% do território nacional (844.453 km²), com cerca de 27 milhões de habitantes, tendo tido 80%

da sua área original alterada, em razão do desmatamento e das queimadas, devido ao processo de ocupação que começou ainda no período colonial brasileiro (MAGALHÃES; BANDEIRA; MONTEIROS, 2020). Este bioma apresenta características únicas, desafiadoras e ricas em biodiversidade, mas também enfrenta desafios significativos em relação à conservação e uso sustentável dos recursos naturais.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023), a Caatinga é um bioma predominantemente semiárido, caracterizado por longos períodos de seca e altas temperaturas. Suas paisagens variam de formações arbustivas a florestas caducifólias, e suas plantas têm adaptações notáveis para sobreviver em condições tão adversas, como a presença de espinhos, caules suculentos e folhas resistentes.

A biodiversidade da Caatinga é muitas vezes subestimada, mas é rica e única. De acordo com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), este bioma abriga diversas espécies endêmicas, ou seja, que não são encontradas em nenhum outro lugar do mundo. A fauna e flora da Caatinga incluem diversas espécies de cactos, xerófitas e animais como o tatu-bola, o soldadinho-do-araripe e o mico-leão-dourado-do-nordeste.

No entanto, a Caatinga enfrenta ameaças significativas. Além do desmatamento e das queimadas, já mencionados, a expansão agrícola, a exploração madeireira e a pecuária desordenada têm contribuído para a degradação desse bioma. De acordo com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), a conversão de áreas de Caatinga em terras para agricultura e pastagem tem causado impactos negativos sobre a biodiversidade e a qualidade do solo.

Para lidar com esses desafios, esforços de conservação e desenvolvimento sustentável têm sido implementados na região. Projetos como o Programa de Conservação da Caatinga, promovido pelo Ministério do Meio Ambiente, visam à preservação desse bioma e à melhoria da qualidade de vida das comunidades locais.

Portanto, a Caatinga é um bioma de importância singular para o Brasil e o mundo, mas que enfrenta desafios significativos devido à exploração inadequada e à degradação ambiental. A promoção da conservação e do desenvolvimento sustentável nessa região é essencial não apenas para proteger sua rica biodiversidade, mas também para garantir que as comunidades locais possam prosperar em harmonia com esse ambiente único e desafiador.

As principais plantas medicinais utilizadas pela comunidade Fazenda do Meio, na fabricação dos xaropes, serão mostradas no item 5.1.

5.1 A fabricação dos xaropes

As plantas medicinais mais usadas são: pipoco-de-ovelha, imburana de abelha, unha de gato, babosa, aroeira, quebra-facão e fedegoso, que têm as seguintes características:

5.1.1 Pipoco-de-Ovelha (nome dado na comunidade pesquisada)

Nome científico: *Plantago lanceolata* L.

Nome popular: Tanchagem, tanchagem-menor, sete-nervos, plantagem e língua-de-vaca.

Propriedades medicinais: Anti-inflamatória, antioxidante, antitérmica, analgésica, antitussígena, expectorante, broncodilatadora, antibacteriana, cicatrizante, hipocolesterolemia, antitumoral e emoliente.

Figura 1- Pipoco-de-ovelha



Fonte: Site Fitoterapia Brasil (2023)

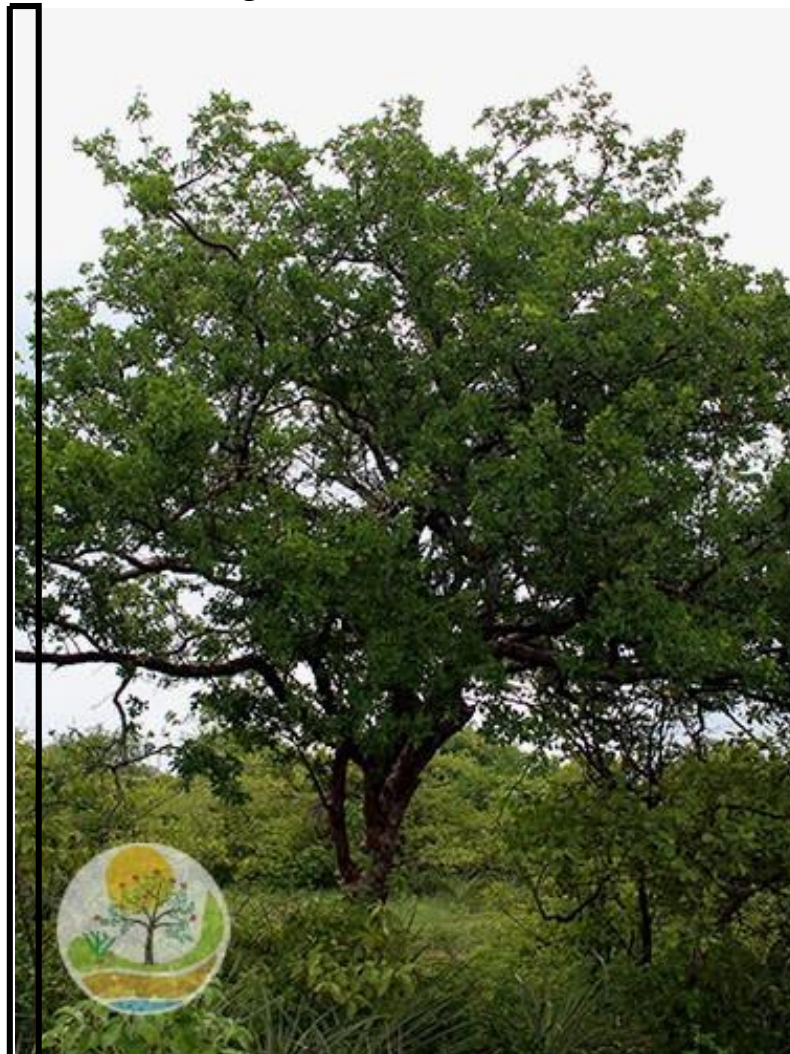
5.1.2 Imburana de abelha (nome dado na comunidade pesquisada)

Nome científico: *Commiphora leptophloeos*.

Nome popular: Amburana, amburana-de-cambão, emburana, imburana, imburana-brava, imburana-de-cambão, imburana-de-espinho, imburana-fêmea, imburana-vermelha, imburaninha, jamburana, umburana, umburana-de-espinho, umburana-vermelha.

Propriedades medicinais: Tosses e bronquites, tônico e cicatrizante no tratamento de feridas, gastrite e úlceras.

Figura 2 – Imburana de abelha



Fonte: Site do Projeto Caatinga (2023)

5.1.3 Unha de gato (nome dado na comunidade pesquisada)

Nome científico: Mimosa arenosa.

Nome popular: Jurema Vermelha; Calumbi.

Propriedades medicinais: Tosses e bronquites, tônico e cicatrizante no tratamento de feridas, gastrite e úlceras.

Figura 3 - Unha de gato



Fonte: Site do Projeto Caatinga (2023)

5.1.4 Babosa (nome dado na comunidade pesquisada)

Nome científico: Aloe vera.

Nome popular: Aloé, babosa grande, babosa medicinal, erva-de-azebre, caraguaté-de jardim, ervababosa, aloé-de-cabo.

Propriedades medicinais: A babosa é utilizada na medicina popular no tratamento caseiro de cicatrização de feridas, queimaduras, hemorróidas, contusões, dores reumáticas, laxante, câncer e trato dos cabelos.

Fotografia 1 - Babosa



Fonte: Acervo da autora (2023)

5.1.5 Aroeira (nome dado na comunidade pesquisada)

Nome científico: *Astronium urundeuva*.

Nome popular: Aroeira preta, Almecega, Pandeiro, Aroeira-do-cerrado, Aroeira-do-sertão, Urindeuva.

Propriedades medicinais: É uma das espécies de plantas nativas com forte uso na medicina popular como adstringente, balsâmica, analgésica, cicatrizante, anti-inflamatória, antibacteriana.

Figura 4 - Aroeira



Fonte: Site Projeto Caatinga (2023)

5.1.6 Quebra-facão (nome dado na comunidade pesquisada)

Nome científico: *Croton conduplicatus*.

Nome popular: : Quebra-faca, quebra-facão ou cordeiro.

Propriedades medicinais: É utilizada na medicina popular para os tratamentos de gripe, dor de cabeça, indigestão e dor de estômago.

Figura 5 - Quebra-facão



Fonte: Site do Banco de Dados de Plantas do Nordeste (2023)

5.1.7 Fedegoso (nome dado na comunidade pesquisada)

Nome científico: *Senna occidentalis*.

Nome popular: Fedegoso, mata-pasto.

Propriedades medicinais: Abortivo, combate o bócio, diaforética, diurético, doenças do fígado, febres biliosas, febrífuga, feridas, hidropsia, prisão de ventre, purgativo, substitui o café, sudorífico, tônico, vermífugo.

Figura 6 - Fedegoso



Fonte: Site da Embrapa (2023)

Na Fazenda do Meio, os xaropes são produzidos artesanalmente, com o uso das plantas medicinais citadas. As fotografias 2 e 3 mostram as ervas coletadas e o xarope pronto, em garrafa.

Fotografia 2 - Plantas medicinais utilizadas na fabricação dos xaropes



Fonte: Acervo da autora (2022)

Fotografia 3 - Xarope pronto para uso



Fonte: Acervo da autora (2022)

Como ressaltado antes, a produção dos xaropes medicinais tem relação, de uma perspectiva cultural, com os saberes e as tradições da comunidade Fazenda do Meio, transmitidos entre gerações. Mas também com as dificuldades que os moradores, ao longo do tempo, enfrentam no que se refere ao acesso a serviços de saúde, seja por precárias condições financeiras ou pela distância entre a comunidade e os serviços de saúde. Os xaropes, mais do que isso, são o símbolo do território quilombola, o que reforça a identidade do grupo, sempre que alguém ou alguma família fabrica a bebida, a partir das territorialidades (re)produzidas no cotidiano, na relação entre as pessoas e destas com a natureza, no caso, as plantas medicinais da Caatinga.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das informações levantadas, é possível compreender a importância do conhecimento tradicional para o povo da comunidade quilombola Fazenda do Meio, visto que os participantes produzem o xarope de sete raízes medicinais para uso próprio visando diversos fins. É possível compreender também a importância da agricultura para esta comunidade ao se levar em consideração que a produção é para subsistência. Sendo assim, esta pesquisa responde ao seu objetivo geral “compreender a fabricação artesanal dos xaropes de sete raízes da Caatinga como um símbolo do território, da territorialidade e da identidade cultural da comunidade quilombola Fazenda do Meio, localizada no município de Fartura, no Piauí” quando entende que a produção do xarope de sete raízes da Caatinga é parte da tradição, da territorialidade e da identidade da comunidade, sendo passada de geração a geração.

Ainda, a pesquisa atinge seus objetivos específicos ao se debruçar em levantamento teórico dos conceitos de território, territorialidade e identidade, demonstrar os caminhos metodológicos para realização deste trabalho e levantar dados particulares da comunidade através das entrevistas com os membros da mesma.

Por fim, esta pesquisa levanta dados relevantes sobre um aspecto da tradicionalidade de uma comunidade quilombola, porém fica em aberto as possibilidades para levantar e analisar tanto outras tradicionalidades quilombolas desta mesma comunidade, como de outras comunidades. Fica em aberto, também, a possibilidade de uso destes dados bem como de seu caminho metodológico para outras pesquisas que visem compreender as tradições e costumes das comunidades quilombolas.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, Rafael S. A. dos. A territorialidade dos quilombos no Brasil contemporâneo: uma aproximação. In: SILVA, Tatiana D.; GOES, Fernanda L. (Org.). **Igualdade racial no Brasil: reflexões no ano internacional dos afrodescendentes**. Brasília: Ipea, 2013. p. 137-152.
- BANCO DE DADOS DE PLANTAS DO NORDESTE, 2023. **Quebra-facão**. Disponível em: http://www.cnip.org.br/banco_img/Quebra%20Faca/crotonconduplicatus.html. Acesso em: 07 nov. 2023.
- BARBOZA DA SILVA, Nina C. et al. Uso de plantas medicinais na comunidade quilombola da Barra II - Bahia, Brasil. **Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas**, v. 11, n. 5, set. 2012, p. 435-453.
- EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA - EMBRAPA, 2023. **Fedegoso**. Disponível em: <https://old.cnpgc.embrapa.br/publicacoes/livros/plantastoxicas/18fedegoso.html>. Acesso em: 06 nov. 2023.
- FARIA, Ana T. D. P. de. **Comunidade quilombola Lagoas**. Belo Horizonte: FAFICH, 2016. 16 p. (Terras de quilombos). Disponível em: <https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/lagoas.pdf>. Acesso em 06 ago.2023.
- FILHO, Aderval C. et al. **Guia de direitos dos povos do Cerrado**. Montes Claros - MG: Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas, 2022.
- FITOTERAPIA BRASIL, 2023. **Pipoco-de-ovelha**. Disponível em: https://fitoterapiabrasil.com.br/sites/default/files/styles/node_planta_medical_principal-1/public/dsc03777p.jpg?itok=kCLwBCOP. Acesso em: 07 nov. 2023.
- G1, 2023. **Censo do IBGE: Brasil tem 1,3 milhão de quilombolas**. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/censo/noticia/2023/07/27/censo-do-ibge-brasil-tem-13-milhao-de-quilombolas.ghtml>. Acesso em: 08 nov. 2023.
- HAESBAERT, Rogério. **Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese Descrição dos Biomas. Disponível em: https://geoftp.ibge.gov.br/informacoes_ambientais/estudos_ambientais/biomas/documentos/Sintese_Descricao_Biomas.pdf. Acesso em: 28 set. 2023.
- MAGALHÃES, Karla do N.; BANDEIRA, Mary A. M.; MONTEIROS, Mirian P. **Plantas medicinais da caatinga do nordeste brasileiro: etnofarmacopeia do Professor Francisco José de Abreu Matos**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2020.
- MARAFON, Gláucio J. O trabalho de campo como um instrumento de trabalho para o investigador em geografia agrária. In: RAMIRES, Júlio C. de L; PESSÔA, Vera Lúcia S. (Org.). **Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação**. Uberlândia: Assis, 2009. p. 381 – 390.

MARTINS, José de S. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2009.

MATOS, Patrícia F. de; PESSÔA, Vera Lúcia S. Observação e entrevista: construção de dados para a pesquisa qualitativa em geografia agrária. In: RAMIRES, Júlio C. de L; PESSÔA, Vera Lúcia S. (Org.) **Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação**. Uberlândia: Assis, 2009. p. 279 – 291.

MENDES, Estevane de P. P; PESSÔA, Vera Lúcia S. Técnicas de investigação e estudos agrários: entrevistas, registros de observações e aplicação de roteiros de entrevistas. In: RAMIRES, Júlio C. de L; PESSÔA, Vera Lúcia S. (Org.). **Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação**. Uberlândia: Assis, 2009. p. 509 – 537.

PROJETO CAATINGA, 2023. **Imburana**. Disponível em: <https://projetoCaatinga.ufersa.edu.br/wp-content/uploads/sites/144/2019/05/imburana.png>. Acesso em: 07 nov. 2023.

_____. **Unha de gato**. Disponível em: <https://projetoCaatinga.ufersa.edu.br/informacoes-gerais-unha-de-gato>. Acesso em: 07 nov. 2023.

_____. **Aroeira**. Disponível em: <https://projetoCaatinga.ufersa.edu.br/aroeira-astronum-urundeuva/>. Acesso em: 07 nov. 2023.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 2011 [1980].

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

VENÂNCIO, Marcelo; PESSÔA, Vera Lúcia S. O diário de campo e a construção da pesquisa: registro das emoções dos sujeitos envolvidos e a reconstrução de suas histórias de vida e do lugar. In: RAMIRES, Júlio C. de L; PESSÔA, Vera Lúcia S. (Org.) **Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação**. Uberlândia: Assis, 2009. p. 317 – 336.

WHITAKER, Dulce. **Sociologia rural: questões metodológicas emergentes**. São Paulo: Letras à Margem, 2002.

**INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS
CÂMPUS ÁGUAS LINDAS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

MARIA NEIVA FERREIRA DOS SANTOS

Título do trabalho - Os xaropes de sete raízes medicinais da Caatinga: território, territorialidade e identidade na comunidade quilombola Fazenda do Meio no município de Fartura (PI)

Apêndice I - Roteiro de entrevista

1. Nome;
2. Idade;
3. Gênero;
4. Cor ou raça (preto, pardo, branco, amarelo);
5. Grau de escolarização (não estudou, ensino fundamental completo ou incompleto, ensino médio completo ou incompleto, ensino superior);
6. Quantidade de membros na família;
7. Naturalidade;
8. Religião (se tiver);
9. Você sabe a origem da comunidade?
10. Você é nascido na comunidade ou se mudou para cá?
11. Caso tenha mudado, por qual motivo fez isso?
12. Você sabia que é parte de uma comunidade quilombola? Se não, como ficou sabendo?
13. Você tem parentes na comunidade? Quais são eles?
14. Como é sua relação com os demais membros da comunidade?
15. Quais as atividades econômicas que você desenvolve na comunidade e na sua terra?
16. Quais são as atividades culturais que existem na comunidade? Você participa delas?
17. Por qual razão você fabrica os xaropes artesanais?
18. Como você começou a produzir os xaropes?
19. Como você aprendeu a fazer os xaropes?
20. Como os xaropes são preparados (plantas utilizadas, etapas da fabricação, escolha das plantas)?

21. Qual o uso que você faz dos xaropes (consumo próprio, venda na comunidade, venda fora da comunidade, tratamento de enfermidades, rituais)?
22. Você enfrenta dificuldades para produzir xaropes? Quais?
23. Quais os principais problemas enfrentados pela comunidade (econômicos, ambientais, políticos, culturais)?